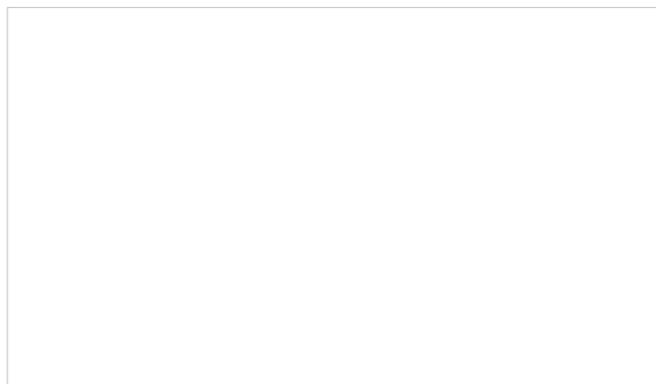


Com assistência técnica garantida, agroindústria gera emprego e renda em São Gonçalo do Rio Abaixo

Qui 24 outubro

Um olhar empreendedor, um ralador simples de alimentos, um fogão a lenha e assistência técnica do [Governo de Minas](#), por meio da [Emater-MG](#). Foi assim, na cozinha da roça, em São Gonçalo do Rio Abaixo, região Central de Minas Gerais, que a dona Aparecida Geralda Ribeiro e o genro Alan Diego começaram um negócio, que anos mais tarde se tornaria a renda de toda família.



Emater / Divulgação

A ideia veio do Alan, que durante um jantar no refeitório da empresa em que trabalhava, comeu uma batata chips que o surpreendeu. Curioso, foi até a cozinha perguntar qual era o segredo para fazer aquela batata tão sequinha, crocante e saborosa. “Perguntei para a moça como ela fritava, qual máquina usava para cortar. E ela

disse que não tinha segredo nenhum, usava um ralador simples e colocava na gordura bem quente”, recorda o Alan.

Ele chegou em casa empolgado, confiante de que fazer chips para vender seria um bom negócio. Mas na propriedade em que moram não tinha batatas, mas tinha bastante banana. A dona Aparecida produzia a fruta e fornecia para o Ceasa.

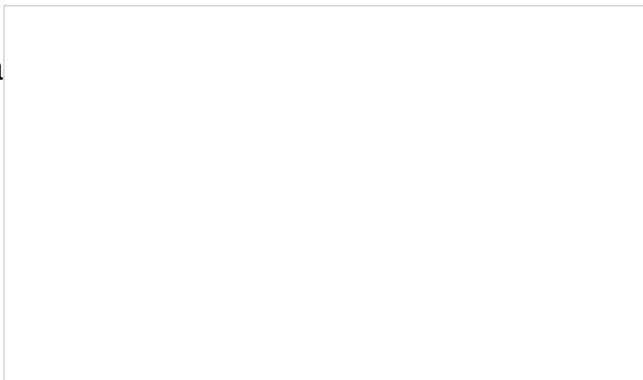
“Aí eu trouxe, apresentei para a minha sogra o ralo. A gente já tinha a plantação de banana e sobrava muitas, que não eram aceitas no mercado. Aí nós começamos a fritar em casa mesmo, apresentamos para os colegas. Todo mundo gostou. E logo no começo vendemos tudo que produzimos para o supermercado da cidade”, conta.

E assim nasceu, há mais de 10 anos, as bananinhas São Gabriel, nome em homenagem à comunidade onde moram. A produção começou do jeito que deu, até o tacho era improvisado. “A gente não tinha nada, só o tacho que o Alan fez, que era uma panela de pressão que ele martelou até abrir”, lembra a dona Aparecida.

Com o apoio do Governo de Minas, por meio da assistência técnica da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, que dá suporte à família desde o início, o negócio prosperou e se transformou na principal fonte de renda da família.

“A Emater foi a chave maior para nós, porque quando a gente estava fazendo as bananinhas no fogão a lenha veio uma técnica visitar a gente. Ela começou a nos levar para as feiras, ensinou a rotular, levou a cursos, tudo que a gente sabe foi a Emater que ensinou”, diz Aparecida.

Não demorou muito para toda família estar integralmente envolvida com a fábrica. “Minha filha Naiara, esposa do Alan, veio desde o começo. Depois tivemos que aumentar gente, meu marido teve que sair do serviço dele. O Alan também saiu da empresa que trabalhava e agora a família toda mexe com a bananinha”, conta a dona Aparecia.



Emater / Divulgação

Superação

Contando assim até parece que foi fácil. Mas a trajetória de vida da família foi feita de muita superação. Aparecida e o marido, que estavam desempregados, se mudaram de BH para São Gonçalo há cerca de 20 anos. Foram morar de favor na casa do cunhado. “Ainda falei com meu marido, o que a gente plantar vamos colher para comer. Então, nós viemos para cá com a Naiara bem pequena, uma vida bem pelejada”, recorda.

Começaram primeiro com a produção de hortaliças, depois investiram no bananal, com mudas cedidas pela prefeitura municipal. “Fui para a lavoura mesmo, covei, plantei, praticamente o bananal todo aqui tem a minha mão”, se orgulha dona Aparecida. Até o momento em que o genro Alan teve a ideia de transformar a fruta em chips e começou a guinada na vida da família.

As bananinhas São Gabriel cresceram no boca a boca, a fama se espalhou não foi à toa, embora seja um processamento simples, há todo um cuidado com higiene e qualidade. O principal cliente da empresa é um importante supermercado da cidade, eles também comercializam em restaurantes, outros mercados, além das feiras promovidas pela Emater-MG.

É do Campo

Além de todo acompanhamento da agroindústria, a Emater-MG ainda inseriu as bananinhas São Gabriel no site É do Campo, a primeira loja virtual de gestão pública do país, com destaque para produtos da agricultura familiar, dentre outros projetos. A extensionista de bem-estar-social, Nabila Abranches, destaca o suporte para reforma e ampliação da agroindústria, a inserção dos produtos também em loja física no centro de São Gonçalo, que pertence a associação de produtores locais, além de projetos de turismo rural.

Atualmente a fábrica produz 100 quilos de chips de banana por dia, além de quantidade semelhante de chips de batata. Ao todo são cinco produtos no portfólio, tem ainda o chips de banana madura, chips de batata doce e farofa de banana. Além da família toda trabalhando, são empregadas ainda duas funcionárias.

A agroindústria está toda legalizada, com estrutura adequada para recebimento das matérias-primas, limpeza, processamento e embalagem. Apesar de boa parte do processo ainda ser bem artesanal, com corte inclusive manual das bananas, já estão equipados com maquinário como cortadeiras, fritadeiras e o misturador da farofa.

E os planos são de crescimento. Em breve, a fábrica será transferida para um lugar maior, na região central da cidade, um projeto que conta com apoio da prefeitura municipal. E se a vida para dona Aparecida foi de muita escassez e dificuldade, ela espera ter construído um legado para filhos e netos, um lugar em que possam trabalhar e prosperar ainda mais. “A gente sente realizado né, sai de costureira, desempregada, para ser empresária, é um salto grande. Eu sou muito feliz e minha família toda também”.